

# A árvore dos Toraja

*Philippe Claudel*

Traduzido do francês por  
Artur Lopes Cardoso

SEXTANTE EDITORA  
FICÇÃO



Na ilha de Sulawesi, vivem os Toraja. A existência desse povo é obsessivamente ritmada pela morte. Quando um deles acaba por morrer, a organização das suas exéquias ocupa semanas, meses, por vezes, anos. Convém fazer com que venham à cerimónia todos os membros da família do defunto, o que pode representar milhares de pessoas dispersas pelo conjunto do arquipélago indonésio, e até fora dele. Levá-los a viajar, hospedá-los, alimentá-los é uma incumbência dos seus próximos. Não é raro estes endividarem-se de uma forma duradoura para poderem respeitar a tradição.

Casas de madeira, finas e graciosas como pequenas embarcações, são construídas para alojar os convidados. Compra-se gado tendo em vista os banquetes. Porcos e búfalos serão sacrificados para acompanharem o desaparecido. Durante todo esse tempo, preserva-se o corpo daquele que ainda não é considerado um morto mas sim uma pessoa doente – *to masaki*, na língua dos Toraja.

A sepultura onde é inumado é escavada na própria rocha de determinadas falésias sagradas. Em túmulos que têm a forma de um nicho, repousam os despojos de membros de uma mesma família, guardado por ídolos de madeira. Acontece os sarcófagos apodrecerem e abrirem-se. Então, as ossadas caem e são deixadas no solo, entre as folhas e a terra.

Atravessei a região dos Toraja durante a primavera do ano de 2012. Reencontrei nessa ilha, que ainda não conhecia, aquilo de que sempre gostei alhures na Indonésia: os seres,

sorridentes e pacíficos; as paisagens, onduladas, por vezes escarpadas, que formam um catálogo completo de verdes, do mais claro ao mais baço; os céus, que podem ser longos e azuis e, no dia seguinte, tornar-se verticais, uma colagem de altas nuvens de chumbo que rebentam de repente para deixar cair uma chuva quente sobre as florestas, as veredas e os arrozais; a noite, que chega cedo, com brutalidade, e inaugura o sabbat dos insetos e dos gecos; o prazer de beber uma cerveja gelada comendo um *nasi goreng* ou *satés* de cabra, num passeio, sentado em cadeiras de plástico feitas para gnomos; o de fumar um *kretek* com perfume de noz-moscada e de canela.

Perto de uma aldeia da região dos Toraja, situada numa clareira, mostraram-me uma árvore especial. Notável e majestosa, ergue-se na floresta a algumas centenas de metros a um nível inferior ao das casas. É uma sepultura reservada às crianças de muito tenra idade que morrem durante os primeiros meses. Esculpem uma cavidade no próprio tronco da árvore e depositam nela a criancinha morta enfaixada num sudário. Fecha-se o túmulo lenhoso com um entrançado de ramos e tecidos. Com o passar dos anos, a carne da árvore fecha-se de novo, guardando o corpo da criança no seu próprio grande corpo, sob a sua casca ressoldada. Então, pouco a pouco, começa a viagem que a faz subir aos céus, ao ritmo paciente do crescimento da árvore.

Nós enterramos os nossos mortos. Também os queimamos. Nunca nos passaria pela cabeça confiá-los às árvores e, no entanto, não temos falta de florestas nem de imaginário. Mas as nossas crenças tornaram-se ocas e desprovidas de eco. Perpetuamos rituais que a maior parte de nós teria uma grande dificuldade em explicar. No nosso mundo, apagamos agora a presença da morte. Os Toraja tornam-na o ponto focal da sua. Então, quem está certo?

Nessa mesma noite, enquanto bebia cervejas e fumava *kretek* na varandinha do meu quarto de hotel, voltei a pensar na árvore, na sua madeira alimentada por ossos frágeis e

carnes desaparecidas. Algumas idosas americanas riam muito alto, num nível inferior, enquanto terminavam o seu jantar na esplanada do restaurante. Cruzara-me com elas ao entrar. Calçavam ténis cor-de-rosa, vestiam calças de passeio em caqui com muitos bolsos, camisas de algodão e blusões de repórter de guerra. Tinham as cabeças ornadas de cabelos brancos ou malva, por vezes roxos. Tinham todas o mesmo nariz retocado, os mesmos olhos esticados e os mesmos lábios cheios. Estavam a chegar ao ponto final das suas vidas mas os seus rostos tinham o desenho abstrato e esquemático dos de raparigas artificiais, todas elas idênticas. Poderíamos pensar que estávamos diante de umas bonecas que haviam fugido de uma loja que se deleitava a vender, sabe-se lá a que clientela, artigos monstruosos. Pensei em todas as estratégias inúteis que pomos em ação nos nossos corpos para enganarmos o tempo e os nossos medos.

À minha frente, na noite indonésia, enquanto saboreava o perfume dos cigarros, identificava, pelas suas formas claras, os búfalos que dormitavam de pé no meio dos arrozais, com o crânio baixado em direção à lama. Uma chuva fina e também um pouco de bruma corriam sobre os seus corpos imóveis. Pareciam de um outro século. Sentia-os semiapagados. Pensava no desaparecimento. Na vinda ao mundo. Nessa dança incoerente, por vezes bela, por vezes grotesca, que é a nossa vida. E também no nosso fim. Os sapos conversavam. Grandes morcegos entregavam-se, por cima da minha cabeça, a um duelo silencioso. Três meses antes, acabara de fazer cinquenta anos. Isso significava alguma coisa?

Perto de mim, como sempre, estava pousado um livro. Nessa noite, tratava-se de *Qui a ramené Doruntine?*, de Ismaïl Kadaré, que leio pelo menos uma vez a cada dois anos. É uma história muito bela de promessa, de morte, de fantasma e de cavalgada. E também de inverno, que é a estação em que sempre me pareceu que me tornava verdadeiramente eu. Tinha um bloco de apontamentos e uma caneta de tinta permanente – leve como

uma pena, comprada havia mais de dez anos num mercado de Saigão. Já não sei se tomei notas enquanto pensava de novo na árvore, na sua casca fechada sobre os pequenos corpos invisíveis. Já não tenho a certeza: por vezes, escrevemos melhor no cérebro do que em qualquer outro lugar. Estava entre dois filmes, nesse momento difícil em que nos interrogamos sobre o que fizemos, perguntando-nos se vale a pena que o façamos, se tem um sentido. E em que sabemos ainda menos se devemos continuar.

A minha última longa-metragem tivera um acolhimento medíocre. O público não se precipitara para as salas. A sua carreira fora um pouco melhor no estrangeiro, na dezena de países onde fora exibido e aonde o acompanhara, respondendo às mesmas perguntas, arvorando o mesmo sorriso para os fotógrafos, e dando comigo sozinho à noite, no meu quarto de hotel, a contemplar as miniaturas do minibar como amigas de infortúnio. Depois dessa digressão, decidira ignorar esse filme que devorara dois anos da minha vida, virar interiormente uma página, e partira para Sulawesi, com um novo desejo de imagens que começava a despontar, ainda vago e desfocado, esperando uma afinação que não me apressaria a fazer. Há muito que compreendi que não *fazemos* filmes, mas sim que eles nascem de nós e se desenham como bem entendem, no momento que escolheram.

As velhas americanas – dir-se-ia que falo de automóveis – tinham-se calado e, sem dúvida, regressado ao quarto. Imaginava-as agora, sós, diante do espelho do quarto de banho, cada uma contemplando o seu rosto falso e lendo a sua idade verdadeira bem no fundo dos seus olhos tristes. Todas as mentiras contêm a sua queda amarga.

Três dias mais tarde, estava de volta a França. Mal entrei no meu apartamento, poisei a bagagem e bebi um copo de água da torneira, olhando em meu redor. Tinha a sensação de chegar a um país estrangeiro. Os odores eram conhecidos, decerto, mas pertenciam a uma estação citadina de que estivera ausente, e

onde ainda não reencontrara o meu lugar. O parquê estava sob os meus pés. Moscas mortas, com as patas estendidas para o teto, acabavam de se secar coletivamente nos peitoris das janelas. Ainda me considerava vulgar e exótico. Ainda tinha na boca o gosto singular dos *kretek*.

Ouvia, no entanto, sobre a minha cabeça, uns ruídos familiares, em especial o som do piano desafinado do Senhor Bellagar, o velho vizinho do 8.º andar, meio cego, cujo rosto e elegância engravatada não deixavam de nos lembrar Jorge Luis Borges, e que toca melancolicamente, durante horas, melodias da Europa central.

Percorri as diferentes divisões, o que é algo muito rápido dado que são apenas três, e ouvi as mensagens acumuladas no meu atendedor que piscava sobre uma mesa baixa, na sala, ao lado da fotografia de Florence, a minha ex-mulher, que me sorria. Foi assim que, entre elas, descobri a de Eugène:

– Vais rir-te – dizia-me –, tenho um cancro, mau.

## II

Na verdade, não ri, mas confesso que sorri. De dor, sem dúvida. Ou antes, de tristeza. De rancor. Um sorriso de jogador de xadrez batido por alguém mais forte do que ele. De há uns anos para cá, a morte assedia-me. Procura cercar-me. Chegar o mais perto de mim possível. Para me experimentar um pouco. Para me fazer compreender que envelheço? Que é preciso que conte com ela? Que o desafio começou quando ainda nem tenho a impressão de que me tenham mandado sair dos vestiários? Talvez.

Lembrei-me de ter colado, num dos meus inúmeros blocos onde se acumulam anotações que nunca releio, uma pequena reprodução de uma gravura de Dürer: vê-se nela um casal de namorados que se abraça e, atrás deles, a poucos metros, semiescondida por uma árvore, a Morte que os contempla. A representação é edificante, esqueleto, foice e a mensagem simples: toda a beleza desabrocha à sombra do perigo último. Não esqueçamos a nossa condição passageira e a nossa vida é passada sob o olhar daquela que não nos esquecerá. Precisaremos, por isso, de a integrar no desenrolar dos nossos dias tal como fazem os Toraja? Vivem melhor do que nós?

Fui sempre perseguido pelas palavras de Montaigne sobre o facto de que «filosofar é aprender a morrer» e de que «não é a morte que é difícil mas sim o morrer». Não sou um homem do século XVI, acostumado às epidemias, às guerras, à perda brutal e frequente de amigos, de pais, de filhos, e para quem um homem de quarenta anos já era um idoso. Mas a literatura, aquela que lemos, marca-nos com a profundidade de uma faca

cravada num órgão, sem que o *prognóstico vital* – a expressão sempre me encantou pelo facto de associar uma medida leve, a do horóscopo, da previsão do adepto de corridas de cavalos, do meteorologista, a um adjetivo que nos faz tremer como uma folha – seja realmente comprometido. Aliás, quando se está cheio de saúde, quando é realmente que esse famoso prognóstico, sem que saibamos nada, começa a *comprometer-se*? Dir-se-ia, ao falarmos dele assim, um marujo que espera, no cais, o seu navio.

Não temo nada em relação a mim. Não temo o que não conheço, ao contrário sem dúvida dos primeiros homens, na alvorada da humanidade, cujo horror só nascia do desconhecido. Habitante do início do terceiro milénio, sei bem de mais quanto o que compõe o meu meio ambiente encerra de potências letais. Fizemos da terra uma velha mixórdia tóxica e as nossas sociedades com as montras tão limpas são grandes lixeiras camufladas, a abarrotar de venenos inumeráveis e de cargas explosivas. Não, o meu medo não provém de uma ausência de conhecimentos mas de um excesso, e temo claramente mais o desaparecimento daqueles que me rodeiam do que o meu, o que não é, como poderia julgar-se, o contrário do egoísmo, mas a sua forma mais consumada.

Telefonei a Eugène e ele atendeu de imediato. A sua voz era feliz. Normal. Tentou fazer-me falar da minha viagem e eu tentei fazê-lo falar do seu cancro. Foi um diálogo de surdos, a que pusemos termo rapidamente com a promessa de que jantaríamos nessa mesma noite.

A minha mala ainda estava à entrada do apartamento. A imagem atingiu-me de súbito. Ao descobri-la assim colocada, um espectador teria sido incapaz de saber se aquela mala testemunhava um regresso ou uma partida. Isso fez-me pensar que, se não tínhamos os meios, por vezes, para descobrir a verdade de encenações simples como aquela, como poderíamos pretender conhecer a de mistérios mais opacos?

No duche, pensei em Eugène. Em como iria olhá-lo, beijá-lo.

Seria necessário que me mostrasse preocupado, de imediato, ou antes tranquilizador? Leve ou grave? Deveria abordar o assunto diretamente ou deixar-lhe a iniciativa? A água escaldante corria sobre os meus ombros. Já ali estava há dez minutos e ainda não sabia como iria proceder com ele. De súbito, senti-me ridículo. Para que precisava de preparar o nosso reencontro? Não se tratava de uma entrevista de emprego, nem da prova oral de um exame. Dava-me conta de quanto o que me anunciara começara a alterar a situação. Até que ponto o facto de me ter dito que tinha um cancro conseguia alterar a percepção que tinha dele, como se, onerado doravante com essa doença, já não fosse totalmente o homem que eu conhecia, mas se tornasse uma criatura em parte estranha e em relação à qual ainda não sabia como deveria comportar-me.

Nas nossas sociedades, a palavra *cancro* soa como uma antecâmara da morte. Nunca nos curamos de um cancro. Fica-se *em remissão*, no melhor dos casos – a remissão dos pecados é da mesma ordem que essa? Uma doença suja que, no entanto, tem um belo nome, mas que muitas necrologias e participações de falecimento preferem fazer desaparecer atrás de perifrases que, na maior parte dos casos, falam em *doenças prolongadas*. Ademais, trata-se amiúde de uma mentira, porque existem cancros muito apressados, que destroem os corpos em alguns meses, e até em algumas semanas, impacientes, sem dúvida, para irem atacar outros corpos. A clientela é numerosa. Nunca se esgota.

Reparei também que, de há alguns anos a esta parte, já não se fala em *cancerologistas* para designar os médicos especializados na doença, mas sim em *oncologistas*. A palavra é mais imprecisa, surda até na música, tranquilizadora, talvez. Não sei por que razão a associo ao domínio dos mariscos, à apanha de marisco em junho numa praia bretã, um pouco fresca, aos perfumes violentos de iodo e sargaço. Sim, para mim, um *oncologista* é um reformado solitário, talvez viúvo, que aproveita o seu tempo agora constantemente livre para percorrer,

calçando botas de borracha amarelas e quando da maré baixa, as extensões arenosas, vasculhando as poças e as anfractuosidades dos rochedos à procura de peixes aprisionados, raspando as pedras onde mexilhões, búzios e ouriços-do-mar se mantêm juntos como famílias de refugiados. Oncologista, uma palavra de cruzadista ou de concursos televisivos.

Rimos muito, Eugène e eu, durante o jantar. Um pouco de mais. E bebemos também. Sobretudo eu. *Bordeaux*, é claro, porque Eugène só gosta de *Bordeaux* tinto, mas nessa noite, ao regressar a casa, lembrei-me de que ele mal tocara no seu copo.

Tínhamo-nos encontrado na nossa cervejaria preferida, a que frequentamos há anos, no 9.º bairro. Gosto da vida um pouco lenta que aí decorre. Temos a *nossa* mesa. Os empregados de mesa, que são três, Michel, Gérard e Jean, conhecem-nos e tratam-nos pelos nomes próprios, mas não por tu. Parecem empregados de mesa de cervejaria que constituem, é sabido, a aristocracia da profissão: alta estatura, bigode, barbiga, avental largo e branco, laço preto. Sabem, na perfeição, preparar um bife tártaro, retirar os lombos de um linguado, flambear rins ou crepes Suzette. Tudo isso tem um lado muito Sautet, do período de *Garçon!*<sup>1</sup>. Sempre gostei quando a vida se parece com o cinema.

Eugène pediu fígado de vitela e eu uma *andouillette*. Antes, tínhamos partilhado um alho-porro em vinagrete e fizemos o mesmo com um mil-folhas, como sobremesa. Dois cafés. A conta. Para Eugène, que só permite que o convidem uma vez por ano, no dia do seu aniversário, 28 de maio.

No meu bolso, guardei durante todo o jantar o pacote de *kretek* que queria oferecer-lhe. Quando me fui embora, levei-o comigo, juntamente com tudo o que queria dizer-lhe sobre os Toraja, os ritos mortuários, a árvore das crianças. Eugène chegou depois de mim. Estava sentado no banco há dez minutos.

<sup>1</sup> Claude Sautet (1924-2000), ceramista e cineasta francês. *Garçon!* é um filme seu de 1983.

Gérard trouxera-me um copo de *Rully* branco felicitando-me pela minha boa cara. A porta giratória começou a rodar. Eugène apareceu. Sempre igual, com o rosto radioso. Os eternos *jeans*. O eterno *blazer* azul. Camisa branca. Mocassins castanhos. Porte de adolescente. Cabelo denso, sal e pimenta. Levantei-me. Beijámo-nos e abraçámo-nos, talvez durante um pouco mais de tempo do que de costume. Penso que fui eu que, sem querer, prolonguei o abraço.

Eugène é o meu produtor e o meu melhor amigo. Começou por ser o meu produtor e depois, progressivamente, tornou-se o meu melhor amigo. Não sei se sou o seu, prefiro não me perguntar esse tipo de coisas. Nunca sabemos realmente o que somos para os outros e devo a desilusões dessa natureza alguns dos meus mais vivos desgostos.

Falei de Sulawesi, dos céus, dos caminhos de terra vermelha, das florestas habitadas pelos gritos dos macacos, dos mercados à noite, do fedor agradável dos braseiros onde são cozinhadas as carnes, do infinito que se reflete nos lagos, das velhas americanas de cabelos cor-de-rosa, da criancinha que se dirigira a mim, enquanto caminhava sobre o estreito talude entre dois arrozais eriçados de rebentos, e me dera a mão. Agarrara-a, emocionado, julgando que queria que a tranquilizasse e a ajudasse a avançar, quando, na verdade, acabara por me aperceber um pouco mais tarde de que era ela que, julgando-me muito velho, pensava ajudar-me assim a não cair.

Foi no momento do mil-folhas que ousei avançar. Eugène não abordara o assunto durante todo o jantar. Parecia tão feliz. Parecia tanto *como antes* que me perguntei se não teria sonhado a mensagem do atendedor.

– Quando disse *mau* foi para te fazer medo. Não tem nada de mau. É um cancro vulgar, incipiente, ainda por cima. Um amador, sem dúvida. Foi tudo apanhado a tempo. Uma manchinha no pulmão esquerdo. Consultei os melhores especialistas. A Ninon tratou de tudo. Uma breve intervenção, seguida de uma quimioterapia leve e não se fala mais nisso.

Ninon é a filha mais velha de Eugène. É médica psiquiatra e acabou de abrir consultório. Eugène tem cinco filhos. De cinco mulheres diferentes. O último ainda não tem seis anos. «Tive uns por ti», diz-me, amiúde. Eugène apaixonou-se com frequência e, quando está apaixonado, faz um filho.

Eugène calou-se. Sorriu-me. Colocou um pouco do mil-folhas sobre o garfo, saboreou-o fechando os olhos e, em seguida, disse-me, apontando para o bolo:

– Deus existe, sabes. É incontestável.

E em seguida ergueu o copo e brindámos a Deus, ao mil-folhas, a nós, à vida.

Eugène morreu menos de um ano depois, a 23 de fevereiro de 2013. O seu cancro era realmente mau e, durante alguns meses, nunca deixou de o ser cada vez mais. Não era incipiente, como ele julgara, mas sim um velho profissional que fez o seu trabalho com método. Um assassino profissional aguerrido. Na semana que antecedeu a sua morte, quando das visitas quotidianas que lhe fazia no serviço de cuidados paliativos do hospital, falei-lhe finalmente na árvore dos Toraja. A morfina descontraía o seu rosto que os sucessivos tratamentos haviam inchado. Já não tinha um único cabelo no crânio. Um ator italiano de quem ele muito gostava oferecera-lhe um chapéu de jardineiro, de palha entrançada, que já não tirava. Chamava *carrinho de mão* à sua cama com rodas. Ouviu-me de olhos semicerrados, com um sorriso nos lábios. Poisei o pacote de *kretek* sobre a mesa de cabeceira. Beijei-lhe as faces que havia semanas estavam constantemente frias, como um mármore. Agarrou-me na mão e disse-me ao ouvido:

– A morte faz de todos nós crianças.

Como o meu rosto manifestasse uma certa incompreensão, acrescentou:

– Digo-te isto por causa da tua árvore.

Foram as últimas palavras que ouvi pela sua voz.

No dia seguinte, entrou num breve coma donde nunca mais saiu.